

CARLA PATRÍCIA GONÇALVES E SOUSA

**A INFLUÊNCIA DO AUTORITARISMO E DO
LOCUS DE CONTROLO NAS ATITUDES
HOMOFÓBICAS**

Orientador: Professor Doutor Miguel Faria

Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2016

CARLA PATRÍCIA GONÇALVES E SOUSA

**A INFLUÊNCIA DO AUTORITARISMO E DO
LOCUS DE CONTROLO NAS ATITUDES
HOMOFÓBICAS**

Dissertação defendida em provas públicas para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, segundo o Despacho de Nomeação do Jurí nº. 208/2016, com a seguinte composição:

Presidente:

Professora Doutora Ana Priostes

Arguente:

Professora Doutora Bárbara Nazaré

Orientador

Professor Doutor Miguel Faria

Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2016

“Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre.”

Simone de Beauvoir

Dedicatória

Ao Felipe ...

Agradecimentos

Qualquer secção de agradecimentos seria insuficiente para expressar a importância de todos aqueles que, durante este percurso académico, estiveram ao meu lado. A todos eles, desde já, o meu mais sincero obrigado.

Ao Prof. Dr. Miguel Faria, agradeço toda a disponibilidade, sabedoria e paciência que demonstrou ao longo da realização deste trabalho. Agradeço-lhe, também, a forma como me recordou que ainda existem pessoas cuja integridade e altruísmo superam qualquer outro tipo de valor. Muito Obrigado.

Aos meus pais, agradeço a forma como me educaram, como sempre contrabalançaram a disciplina e o amor, e a sua inesgotável capacidade de perdoar. OBRIGADO.

Às minhas avós queria agradecer por serem os meus maiores modelos daquilo que é ser mulher, ser profissional, ser mãe, ser lutadora e, acima de tudo, ser pessoa. Obrigado princesas.

Aos meus avôs, agradeço pelo espírito de sacrifício e por essa forma de estar, que me ensinou que amar e ser amado pode assumir manifestações tão pouco lineares que, só um mero olhar nunca captará. Obrigado.

Ao César, agradeço, sobretudo por partilhar comigo os momentos mais pequenos, percebendo, juntos, que nem tudo o que um dia pareceu impossível, o é realmente. Muito obrigado, mesmo.

Ao Fábio, à Bárbara e ao Tiago agradeço pelos anos e anos de paciência, quase infinita, e por nunca me terem deixado sozinha. Obrigado companheiros.

Ao Felipe agradeço por ter dado sentido a todo o esforço e pelo amor, simples e incondicional. Obrigada por me dares a honra de ser tua mãe.

Resumo

Sabe-se que a homofobia, isto é, a atitude ou disposição negativa para com as pessoas homossexuais, configura um problema social atual, com consequências nefastas no quotidiano dos sujeitos com orientações sexuais consideradas minoritárias. O presente estudo tem por objetivo determinar a influência dos fatores sexo, idade, locus de controlo, autoritarismo, adesão ao duplo padrão tradicional e religiosidade nas atitudes homofóbicas. Para estudar esta questão, os participantes preencheram um protocolo de investigação, que avaliava as atitudes homofóbicas, perante gays e perante lésbicas, bem como o autoritarismo, o locus de controlo, a religiosidade, a adesão ao duplo padrão tradicional e os papéis de género, para além de questões de natureza demográfica. A amostra foi composta por indivíduos, com idades compreendidas entre os 18 e os 66 anos. Os resultados obtidos demonstram a existência de associações estatisticamente significativas entre níveis mais elevados de autoritarismo, adesão ao duplo padrão tradicional, religiosidade, externalidade do locus de controlo e a frequência de atitudes negativas, perante gays e lésbicas. Os dados obtidos salientam, ainda, uma frequência superior de tais atitudes nos sujeitos do sexo masculino e nos mais velhos.

Abstract

Homophobia is the attitude or negative disposition towards gay people and it sets a current social problem, with disastrous consequences for the daily lives of individuals with minority sexual orientations. This study aims to determine the influence of factors like sex, age, locus of control, authoritarianism, adherence to traditional standard double and religiosity in homophobic attitudes. To study this question, participants completed a research protocol, which assessed the homophobic attitudes towards gays and lesbians and authoritarianism, locus of control, religiosity, and adherence to traditional double standard and gender roles, besides some demographic questions. The sample study was composed by individuals, aged between 18 and 66 years old. The results showed the existence of statistically significant associations between higher levels of authoritarianism, adherence to the traditional double standard, religiosity, external locus of control and frequency of negative attitudes towards gays and lesbians. The obtained data also underline a higher frequency of such attitudes in male subjects and older people.

Lista de abreviaturas

ATG: *Attitudes towards Gay Men*

ATL: *Attitudes towards Lesbians*

ATLG: *Attitudes towards Lesbians and Gay Men*

DSM: *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*

DSS: *Double Standard Scale*

IPG: Inventário de Papéis de Género

VIH: Vírus da Imunodeficiência Humana

LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais, e Transgéneros

LLCS: *Levenson's Locus of Control Scale*

RWA: *Right-Wing Authoritarianism*

SCG: Sistema de Crenças de Género

SPSS: *Statistical Package for Social Sciences*

TAI: Teoria da Ameaça Integrada

Índice

	Página
Introdução	11
Parte I – Revisão Bibliográfica	14
1.1. Homofobia	15
1.2. Locus de Controlo	16
1.3. Papéis de Género	18
1.4. Religiosidade	23
1.5. Autoritarismo	25
Parte II – Método	28
2.1. Amostra	29
2.2. Medidas	30
2.3. Procedimento	36
Parte III – Resultados	38
Parte IV – Discussão dos Resultados	45
Parte V – Conclusão	48
Bibliografia	50
Anexo I: Protocolo de Investigação	I

Índice de Tabelas

	Página
Tabela 1: Características sociodemográficas da amostra	29
Tabela 2: Diferenças de médias nas variáveis em estudo, segundo o sexo	39
Tabela 3: Intercorrelações entre as variáveis deste estudo	41
Tabela 4: Correlações entre as variáveis do nosso estudo e a idade para os grupos masculino e feminino	42
Resultados da análise de regressão para as atitudes perante os gays	43
Tabela 6: Resultados da análise de regressão para as atitudes perante as lésbicas	44

INTRODUÇÃO

Com a introdução do conceito de homofobia, por Weinberg, em 1972, e com a eliminação da Homossexualidade do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM), também nos anos 70, aliou-se uma alteração da legitimidade atribuída a atos de discriminação das preferências sexuais minoritárias a uma mudança drástica no modo como a medicina, os profissionais de saúde mental e as ciências do comportamento encaravam este fenómeno. Assim, a homofobia, agora conceptualmente definida pode ser mais facilmente estudada e combatida, ganhando todos os defensores e ativistas dos direitos LGBT um novo carácter de legitimidade nas suas lutas e na conquista dos seus direitos (Herek, 2004).

Desde então, tem-se verificado uma crescente aceitação, relativa aos direitos dos indivíduos homossexuais, associada a um decréscimo da aceitação de comportamentos discriminatórios para com os mesmos (Gomes & Serôdio, 2014). Apesar disso, a Homofobia ainda constitui uma forma de preconceito extremamente prevalente na sociedade atual, afetando, de forma determinante a vida quotidiana e a os direitos de indivíduos homossexuais sendo, forçosamente, originária de sofrimento e de formas de tratamento iminentemente desiguais.

As atitudes negativas face á homossexualidade, ainda prevalecem em diversos países e culturas. Enquanto a homossexualidade é absolutamente legal em 113 países, continua a ser ilegal noutros 78 (Itaborahy, & Zhu, 2014). As punições podem ir de alguns meses, até 10 anos de prisão, multas, trabalhos forçados e pena de morte. Não obstante, as mais diversas organizações de profissionais de saúde a nível mundial, consideram as diversas orientações sexuais, como manifestações constantes, da diversidade constituinte da sexualidade humana (Psychological Association of the Philippines, 2011).

Num estudo, efetuado a nível europeu, cerca de dois terços dos participantes portugueses consideraram o casamento entre pessoas do mesmo sexo errado e a homossexualidade, de algum modo, imoral (Zick, Küpper, & Hövermann, 2011).

Cerca de metade dos adultos com orientações sexuais minoritárias relataram ter sofrido abusos verbais durante a sua vida. As investigações realizadas nas últimas duas décadas, sugerem os custos muito elevados do preconceito sofrido por gays e lésbicas, revelando sérios problemas psicológicos e emocionais, resultantes do isolamento e desaprovação social (Herek, Cogan, & Gillis, 2002; Hillier & Harrison, 2004; Szymanski, 2005).

Além de uma taxa de ideação suicida acima da média, estas pessoas tendem a experienciar uma maior incidência de abuso de substâncias, abuso sexual, rejeição parental, isolamento emocional, abandono escolar e baixa auto-estima (Hershberger & D'Augelli, 1995; Herek, Cogan, & Gillis, 2002).

O estudo empírico das atitudes negativas face à homossexualidade fornece-nos informação acerca da razão das mesmas e de como, possivelmente, as mudar. Este tipo de atitudes é conhecido, também, como homofobia, homonegatividade e discriminação sexual (Harbaugh & Lindsey, 2015; Rye & Meaney, 2010).

PARTE I – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1. Homofobia

Em geral, entende-se por homofobia a atitude ou disposição negativa para com as pessoas homossexuais (Fone, 2008). Apesar disso, o termo abarca alguma controvérsia, tanto sobre o seu significado, quanto os constructos que em si estão integrados (Ahmad & Bhugra, 2010; Herek, 2004; 2000).

A maior crítica a esta denominação relaciona-se com o facto de consistir num conjunto de atitudes negativas para com as pessoas homossexuais, representando, assim, um preconceito e não uma fobia (Herek, 2004).

Smith (1971) introduziu o termo homofobia no contexto médico, como uma resposta negativa, repressiva ou temerosa face à homossexualidade. Outros autores afirmam, que, Weinberg (1972) utilizou primeiro o termo para denominar um tipo de atitude para com as pessoas homossexuais (Herek, 2004).

Dada a imprecisão etimológica e conceptual deste termo, foram sendo propostas outras denominações, como heteronormatividade (Yep, 2002), homonegatividade (Fone, 2008; Roderick, McCammon, Long, & Allred, 1998), heterosexismo, estigma sexual e discriminação sexual (Herek, 2004; 2000). Apesar do surgimento destas novas designações, o termo homofobia continua a ser o mais amplamente utilizado na escrita científica (Herek, 2015), tendo os restantes acrescentado novas visões e dimensões conceptuais ao mesmo (García, 2004).

Os diversos termos contidos na noção de homofobia podem agrupar-se em dois domínios conceptuais: a atitude negativa e o incómodo perante a homossexualidade. A primeira é constituída pela rejeição, ódio e condenação, enquanto a segunda é constituída pela ira, ansiedade, mal-estar, temor e raiva. A aversão e a repugnância situam-se em ambos os domínios conceptuais. Ambas implicam uma predisposição

cognitiva e comportamental desfavorável face às pessoas não heterossexuais (Campo-Arias, Herazo, & Oviedo, 2013; Gonçalves & Machado, 2007).

Diversos estudos, nas últimas três décadas, têm revelado maiores valores de homofobia nos homens do que nas mulheres, bem como nos indivíduos mais velhos em geral (Harbaugh & Lindsey, 2015; Kite & Whitley, 1996; Herek, 1988).

Ao investigar o potencial de influência de alguns traços de personalidade na predisposição dos indivíduos para atitudes negativas face a homossexualidade, percebeu-se que o psicoticismo – presente em diversas psicopatologias e estados menos severos de raiva e hostilidade – e a imaturidade dos mecanismos de defesa podem ser importantes fatores promotores. Por oposição, a depressão e os níveis mais elevados de neuroticismo, parecem diminuir a tendência dos indivíduos para as atitudes homofóbicas (Ciocca, et al., 2015).

Têm sido, também, provada a existência de uma correlação negativa e significativa entre a educação sexual e as atitudes homofóbicas, isto é, entre o conhecimento dos conceitos biológicos, etiológicos e psicológicos e o preconceito (Barrón-Velázquez, Salín-Pascual, & Guadarrama-López, 2014).

1.2. Locus de Controlo

O conceito de locus de controlo teve origem na teoria da aprendizagem social de Rotter (1954; 1966). Em geral, pode ser referido como uma variável da personalidade, que reflecte a tendência de perceber os eventos quotidianos como sendo consequência, tanto das acções do próprio sujeito, como de questões sobre as quais este não tem qualquer controlo, como o destino, a sorte ou outras entidades mais poderosas (Marks, 1998).

A classificação da teoria de locus de controlo de Rotter (1966) situa as crenças subjectivas acerca do que influencia as consequências de um evento numa dimensão de carácter bipolar, entre o locus de controlo mais interno e o mais externo.

Locus de controlo interno é o termo utilizado para descrever a crença em si próprio, como tendo capacidade primordial para definir as consequências futuras dos eventos quotidianos. Assim podemos dizer que estes sujeitos acreditam que as suas experiências são condicionadas, primordialmente, pelo seu esforço e capacidades. Por oposição, o conceito de locus de controlo externo remete-nos para a percepção de que o controlo sobre as consequências de cada evento, se situa numa entidade externa ao próprio sujeito. Assim, os sujeitos com um locus de controlo mais externo, tendem a atribuir as suas experiências e resultados a fatores, como o destino ou a sorte (Bahadir, Certel, & Turan, 2014).

A investigação científica tem vindo a encontrar relações entre o estilo de locus de controlo e outros fatores, como a existência de psicopatologia (Cheng, Cheung, Chio, & Chan, 2013; Inozu, Yorulmaz, & Terzi, 2012), com a utilização de estratégias de *coping* (Zhang, Liu, Jiang, Wu, & Tian, 2014) e com as percepções dos indivíduos acerca de igualdade de género (Sharma & Sharma, 2015), entre outros.

1.2.1 Locus de Controlo e Homofobia

Testando o seu modelo atribucional, Sakalli (2002), demonstrou que o preconceito contra os homossexuais pode ser melhor explicado pela atribuição de controlabilidade e valor cultural negativo às práticas sexuais entre indivíduos do mesmo sexo. O fator da controlabilidade parece realmente importante na explicação da homofobia, como visto em alguns estudos (Aguero, Bloch, & Byrne, 1984).

Estudos recentes demonstram que o preconceito face à homossexualidade apresenta correlações positivas com a crença no destino, na sorte e na desvalorização

do próprio esforço. A internalidade do locus de controlo, por oposição, não apresenta correlações com a homofobia. Além disso, elevados níveis em escalas de locus de controlo externo, sobretudo a crença no destino, associam-se a maiores pontuações em escalas de homofobia. Este fator (crença no destino) tem-se revelado, também, um importante preditor das atitudes homofóbicas, sobretudo pela sua associação frequente com crenças religiosas (Ugurlu, 2013).

1.3. Papéis de Género

A expressão identidade de género surgiu durante os anos 60, descrevendo um sentido de pertença persistente, a uma categoria de género, masculina ou feminina e, ao longo dos tempos, tem vindo a dotar-se de, cada vez mais, fluidez (Moleiro & Pinto, 2015). Para Lev (2004), a identidade de género é o autoconceito do género de cada sujeito, independentemente do seu sexo, enquanto constructo biológico. Inicialmente concetualizado para corresponder com uma dimensão biológica, o conceito género começa a situar-se no extremo oposto da noção de sexo (de influência biológica), representando uma dimensão de construção cultural (Butler, 1990).

Assim, género - ou o conjunto de características psicológicas, sociais, culturais e comportamentais associadas ao fato de se ser homem ou mulher – apresenta-se como uma característica adquirida, baseada na identidade de género do indivíduo e nos papéis de género socialmente aprendidos. Este constructo pode ser pensado como a interpretação feita pela sociedade do significado cultural de cada sexo, e interpretado pelos seus membros através da observação e interacção (Wienclaw, 2011).

Ao longo do tempo, o conceito de masculinidade, isto é, uma maior adesão a um papel de género masculino, tem vindo a apresentar uma associação com questões relacionadas com o estigma com os indivíduos com VIH (Wyrod, 2011), com o nível de

autoritarismo (Peterson & Zurbriggen, 2010), com a homofobia e com a transfobia (Warriner, Nagoshi, & Nagoshi, 2013).

1.3.1. Papéis de Género e Homofobia

As crenças culturalmente integradas sobre masculinidade e feminilidade podem ter um papel fulcral nas atitudes dos heterossexuais face à homossexualidade, incluindo a homofobia e a heteronormatividade. As crenças de papéis de género congregam os comportamentos vistos como aceitáveis para ambos os géneros, podendo, deste modo, assumir uma particular importância na construção de opiniões sobre a orientação sexual (Herek, 2009).

Segundo Borrillo (2010), a nossa sociedade é androcêntrica e a homofobia organiza a vigilância de género. Existe uma lógica binária de construção da identidade sexual em que a mulher está oposta ao homem, assim como o homossexual ao heterossexual. A identidade sexual masculina é, então, construída de maneira a negar o feminino e rejeitar a homossexualidade. A homofobia é, assim, um elemento constitutivo da identidade masculina, sendo sexismo e homofobia, faces de um mesmo fenómeno social.

O Sistema de Crenças de Género (SCG; Kite & Whitley, 1996) pode oferecer uma explicação para a origem das atitudes negativas face à homossexualidade, relacionado atitudes homofóbicas e crenças tradicionais de papéis de género. Através da socialização, os sujeitos aprendem as noções de comportamentos apropriados, correspondentes com o seu sexo biológico. Assim, aprendem, indiretamente, a desvalorizar e, conseqüentemente, evitar, qualquer comportamento, que possa ser visto como contrário aos papéis de género, por exemplo a homossexualidade, por forma a

serem socialmente aceites (Whitley, 2001). Este fenómeno é frequentemente denominado “policiamento de género” (Borrillo, 2010).

Quando um homem não age de modo masculino, ou uma mulher não age de modo feminino, acredita-se, que está a agir, não só contra o seu papel de género, mas contra o ideal de heterossexualidade. Suportando a explicação do SCG para as atitudes negativas face à homossexualidade estão diversos estudos empíricos, que encontraram correlações positivas e significativas entre hipermasculinidade e homofobia (Faria, 2011; Kilianski, 2003; Theodore & Basow, 2000).

Os estudos sugerem que os homens heterossexuais, cuja identidade está fortemente relacionada com a extrema masculinidade, tendem a ter atitudes mais negativas face aos homens gays (Davies, 2004; Faria, 2011; Jellison, McConnell, & Gabriel, 2004). Por outro lado, alguns autores encontram esta ligação entre homofobia e papéis de género tradicionais em homens, mas não em mulheres (Falomir-Pichastor, Martinez, & Paterna, 2010).

Parece razoável assumir que esta relação entre identidade e papéis de género possa estar associada com a homofobia, tanto direta, quanto indiretamente, através da tendência dos indivíduos para a escolha de atividades tipificadas para o seu género, e o evitamento das do género oposto. Em consistência com este raciocínio, a Teoria da Ameaça Integrada (TAI, Stephan & Stephan, 2000) sugere que os indivíduos tendem a evitar comportamentos que ameacem o seu sentido de *self*, neste caso, a sua identidade de género.

Anderson (2008), Keiller (2010) e Parrot (2009) teorizaram que os homens, com o desejo de evitamento do estigma da homossexualidade, geralmente não se associam a contextos eminentemente femininos, nem agem de modo mais feminino, de modo a serem percecionados como heteronormativos pelos seus pares. A escolha de atividades

ocupacionais de reforço dos papéis de género tradicionais serve, por consequência, para reforçar ou fortalecer as atitudes homofóbicas (Weisgram, Dinella, & Fulcher, 2011).

Outra via através da qual os papéis de género podem influenciar, ainda que indiretamente, as atitudes face à homossexualidade, é através das crenças e afiliações religiosas. Estudos anteriores sugerem que maiores níveis de religiosidade, apresentam associações com uma maior adesão aos papéis de género tradicionais (Aosved & Long, 2006; Hodge, 2005; Rowatt, et al., 2006).

Recentemente, e de acordo com os pressupostos do SCG (Kite & Whitley, 1996), percebeu-se a identidade de género como um preditor das atitudes homofóbicas e heteronormativas. Assim, independentemente do género efetivo, sujeitos com maiores valores de masculinidade, tendem a apresentar maiores pontuações em medidas de homofobia e heteronormatividade (Harbaugh & Lindsey, 2015). Quanto às noções tradicionais de feminilidade aparecem associadas a reações emocionais negativas, das mulheres heterossexuais para com as lésbicas (Parrott & Gallagher, 2008).

Assim, as diferenças entre os níveis de homofobia parecem estar mais relacionadas com crenças acerca da importância da masculinidade e do poder, do que com características que possam estar inerentes à própria homossexualidade (Anderson, 2002; Davies, 2004; Harbaugh & Lindsey, 2015; Herek, 2009).

Pela natureza das relações homossexuais ser contrária as papéis de género tradicionais, a adesão mais marcada aos mesmos apresenta correlações estatisticamente significativas com as atitudes negativas face à homossexualidade (Basow & Johnson, 2000; Harbaugh & Lindsey, 2015; Kerns & Fine, 1994; Theodore & Basow, 2000).

Em geral, existe uma visão cultural das relações entre indivíduos do mesmo sexo como violações de “moderadas” a “graves” dos papéis de género impostos pela

sociedade, partilhada por uma maioria de sujeitos, independentemente das suas crenças individuais (Doyle, Rees, & Titus, 2015).

1.3.1.1. Duplo Padrão Sexual

Tradicionalmente, homens e mulheres têm sido sujeitos a normas sociais distintas, no que é respeitante ao seu comportamento sexual. Mulheres foram sendo estigmatizadas por se relacionarem sexualmente em qualquer ambiente, que não o do casamento heterossexual. Já para os homens, esse tipo de comportamentos foi sendo alvo de um sistema de reforço social positivo (Crawford & Unger, 2000).

Tal fenómeno foi definido, primeiramente por Ehermann (1959), como constituído por dois códigos de conduta sexual distintos, para ambos os sexos, concretizado-os em atitudes menos permissivas em relação ao comportamento sexual feminino. Os estudos apontam para a observação de tal fenómeno, nos processos educacionais, demonstrando a existência de um duplo-padrão no modo como são encarados, pelos pais, os comportamentos sexuais dos filhos. Os pais tendem a aceitar mais facilmente comportamentos sexuais de risco e múltiplos parceiros sexuais nos seus filhos, do que nas suas filhas (Landor et al., 2011).

A religiosidade parece, também, ser um importante mediador, favorecendo a existência de um duplo-padrão sexual, que analisa o comportamento sexual feminino, à luz de premissas de pureza e abstinência (Biswas, 2014; Seguino & Lovinsky, 2009).

Este conceito de duplo-padrão estende, também, as suas influências ao modo como as mulheres se auto-avaliam pautando a sua conduta, frequentemente, pela conformidade com as normas sociais e morais, condizente com a resistência aos seus instintos sexuais (Katz & Farrow, 2000). Neste sentido, podemos compreender que todas as expressões da sexualidade humana decorrem e são, por isso, condicionadas, por

padrões de desigualdade que caracterizam a maioria das sociedades (Lips, 2003; Crawford & Unger, 2000).

O duplo-padrão representa, assim, uma forma de sexismo latente, que discrimina, através dos mesmos mecanismos stressores que a homofobia sendo, tendencialmente, aceite por indivíduos com forte aderência ao papel de género masculino tradicional, tal como os que possuem mais atitudes homofóbicas (Meyer, Ouellette, Haile, & McFarlane, 2011).

1.4. Religiosidade

Durante a história da Psicologia, a noção de religiosidade tem vindo a representar, tanto uma variável individual, quanto um conceito institucional. Neste sentido, pode ser vista como a experiência subjetiva da vivência religiosa, frequentemente denominada espiritualidade, ou como um conjunto fixo de ideais e compromentimentos ideológicos, de base religiosa, denominadas religiões (Hill & Pargament, 2003).

Nos últimos tempos, a psicologia tem se direcionada para o estudo da espiritualidade/religiosidade e da sua relação com o bem-estar psicológico e a integração biopsicossocial do ser humano (Gomes, Farina, & Dal Forno, 2014). Diversos estudos demonstram que, maiores níveis de envolvimento religioso estão associados positivamente a indicadores de bem-estar psicológico, como satisfação com a vida, afeto positivo elevado, felicidade, melhor saúde física e mental (Stoppa & Moreira-Almeida, 2008).

Diversos estudos têm demonstrado a tendência para atitudes negativas homofóbicas se correlacionarem com elevados níveis de religiosidade, sobretudo institucional. Deste modo, verifica-se o denominado viés intergrupar, isto é, uma tendência para a desvalorização, pelos membros do grupo (religioso, neste caso), dos

sujeitos que se encontrem fora desse mesmo grupo (Johnson, Rowatt, & LaBouff, 2011).

1.4.1. Homofobia e Religiosidade

Como acima referido, as crenças religiosas têm sido estudadas como importantes factores de influência na frequência e intensidade das atitudes negativas para com os sujeitos homossexuais (Aosved & Long, 2006; Hodge, 2005; Rowatt, et al., 2006).

Religiosidade, conservadorismo e falta de contacto prévio com sujeitos homossexuais aparecem associados com a homofobia e a homonegatividade. Pessoas com fortes crenças religiosas, atitudes conservadoras face ao sexo antes do casamento e que nunca conheceram sujeitos homossexuais demonstram mais atitudes negativas para com as lésbicas e os gays, quando comparadas com outras que são menos religiosas, que têm atitudes liberais face ao sexo antes do casamento e que já conviveram com homossexuais (Gelbal & Duyan, 2006).

Weinberg (1972) defendeu a existência de uma série de tradições religiosas e políticas que reforçam uma noção anti homossexual. Uma dessas tradições diz respeito à cultura judaico-cristã, que descreve procedimentos estritos contra o comportamento homossexual. Uma segunda tradição, encontra-se relacionada com o sistema contrário ao mero prazer, postulado pelo catolicismo, e que tem por consequência atitudes restritas relativas ao sexo e à sexualidade (Fyfe, 1983).

Consistentes com esta perspetiva, vários estudos, sugerem que os indivíduos com maiores níveis de religiosidade tendem a ter atitudes mais negativas, incluindo a apreensão no contato com homossexuais, maior discriminação, intolerância pelos direitos civis e mais crenças estereotipadas (Finlay & Walther, 2003; Hodge, 2005; Rowatt et al., 2006; Rowniak, 2015). Veenvliet (2008) referiu, ainda, que a motivação

intrínseca para a prática religiosa tende a estar associada com a homofobia e com a falta de tolerância para com as práticas sexuais entre indivíduos do mesmo sexo, em geral.

Especificamente, o compromisso individual para com uma religião está significativamente relacionado com a homofobia, assim como a maior frequência de práticas religiosas ou a pertença a cultos mais fundamentalistas, parece correlacionar-se positivamente com a sua intensidade (Finlay & Walther, 2003; Harbaugh & Lindsey, 2015; McDermott, Lindley, Schwartz, & Proietti, 2014; Rowatt, et al., 2006; Rowniak, 2015; Veenliet, 2008).

1.5. Autoritarismo

Altemeyer (1981) desenvolveu o seu conceito de autoritarismo, denominado *Right-Wing Authoritarianism* (RWA), tendo por base a teoria da aprendizagem social e nas lacunas de uma série de conceções prévias do conceito.

O RWA foi operacionalizado em três dimensões atitudinais. A primeira dimensão, da “submissão autoritária”, diz respeito ao grau de submissão à autoridade que o indivíduo vê como conveniente na sociedade onde se insere. A segunda, da “agressão autoritária”, relativa ao nível da perceção da agressão como legítima, na manutenção do controlo social. Por fim, a dimensão do “convencionalismo”, correspondente ao grau de aderência às convenções sociais aceites e impostas pela autoridade (Altemeyer, 1981).

1.5.1. Autoritarismo e Homofobia

A concetualização teórica de autoritarismo, defendida por Altemeyer (1981;1988) é caracterizada por elevados níveis de submissão à autoridade, agressividade contra minorias e aderência às convenções maioritárias da sociedade e da autoridade, sugerindo que sujeitos com elevados níveis de RWA tenderão a apresentar mais atitudes homofóbicas.

O nível de RWA apresenta correlações significativas com as atitudes homofóbicas e com os comportamentos homofóbicos, em ambos os sexos. Aparece, ainda, como importante fator de mediação da relação entre as atitudes e os comportamentos homofóbicos, sendo um fator precipitador da passagem ao ato (Goodman, 2005).

Correlações positivas e significativas entre homofobia, conservadorismo político e autoritarismo têm vindo a ser observadas (Morrison & Morrison, 2002; Morrison, Kenny, & Harrington, 2005; Whitley, 2009). Assim, as ideologias políticas com base no autoritarismo, aparecem associadas a perceções negativas de relações homossexuais e comportamentos de género atípicos (Doyle, Rees, & Titus, 2015).

Por oposição, os sujeitos com crenças mais liberais tendem a atribuir uma conotação menos negativa a este tipo de relação, apresentando valores menos elevados de homofobia (Doyle, Rees, & Titus, 2015; Jost, 2006). Além disso, o autoritarismo foi demonstrado como fator mediador entre a abertura à experiência e a homofobia (Cramer, Miller, Amacker, & Burks, 2013).

A homofobia apresenta, ainda, correlações com outras formas de preconceito e segregação social, como a xenofobia e o racismo (Campo-Arias, Oviedo, & Herazo, 2014).

O presente estudo tem por objetivo determinar a influência dos fatores sexo, idade, locus de controlo, autoritarismo, adesão ao duplo padrão tradicional e religiosidade nas atitudes homofóbicas. Tratando-se, assim, de um trabalho de investigação aplicada, encaminhado para a exploração do problema prático que configuram as atitudes negativas para com os sujeitos homossexuais.

É um estudo transversal, de natureza quantitativa, sem manipulação de variáveis, onde foi realizada uma recolha de dados, através de medidas objetivas, cujos resultados

foram analisados através de técnicas estatísticas. Podemos, deste modo, salientar a sua natureza descritiva e correlacional, na procura de correlações entre variáveis, como tentativa de descrição mais aprofundada de tal fenómeno.

Neste sentido, e tendo em conta o enquadramento teórico anteriormente elaborado, foram definidas as seguintes hipóteses:

- H1 - É esperado que os homens apresentem valores superiores de homofobia;
- H2 - É esperada uma associação significativa e positiva entre as atitudes homofóbicas e o autoritarismo;
- H3 - É esperada uma associação significativa e positiva entre as atitudes homofóbicas e a adesão ao duplo padrão tradicional;
- H4 - É esperada uma associação significativa e positiva entre as atitudes homofóbicas e a religiosidade;
- H5 - É esperada uma associação significativa entre as atitudes homofóbicas e o locus de controlo mais externo;
- H6 - É esperado um valor superior de homofobia nos participantes mais velhos.

PARTE II – MÉTODO

2.1. Amostra

O presente estudo contou com uma amostra de 208 indivíduos de ambos os sexos, (57 homens e 151 mulheres) com idades que variaram entre os 18 e os 66 anos ($M = 26.98$; $DP = 8.65$). A maioria dos participantes era do sexo feminino (72.6%) e solteiro (77.9%).

Quanto à orientação sexual, aferida no estudo através da Escala de Kinsey, 77,9% ($n=162$) dos participantes refere-se como sendo “Exclusivamente heterossexual”, enquanto 22,1% ($n=46$) enquadrou-se em qualquer uma das restantes orientações, categorizadas na mesma escala.

A distribuição dos participantes face às suas características sociodemográficas, encontra-se descrita na Tabela 1.

Tabela 1: Características sociodemográficas da amostra (N=208)

	n	%
Sexo		
Masculino	57	27.4
Feminino	151	72.6
Estado Civil		
Solteiro	162	77.9
Casado/Numa União de Fato	33	15.9
Divorciado	11	5.3
Viúvo	2	1.0
Orientação Sexual		
Exclusivamente heterossexual	162	77.9
Predominantemente heterossexual, raramente homossexual	19	9.1
Predominantemente heterossexual, ocasionalmente homossexual	8	3.8
Igualmente heterossexual e homossexual	11	5.3
Predominantemente homossexual, ocasionalmente heterossexual	1	.5

Predominantemente homossexual, raramente heterossexual	4	1.9
Exclusivamente homossexual	3	1.4

Os sujeitos responderam, ainda, aos cinco itens do Índice de Religiosidade da Universidade de Duke. Neste âmbito, verificou-se um índice de religiosidade de, em média, 11,25 (DP=5,535), apresentando um valor mínimo de cinco e um valor máximo de 27.

Não foram definidos critérios de exclusão de participantes, face o objetivo delineado.

2.2. Medidas

Questionário de dados sociodemográficos

Foi recolhida informação em questionário que inqueria as variáveis idade, sexo, estado civil e orientação sexual, aferida através da utilização da Escala de Kinsey.

Attitudes towards Lesbians and Gay Men

Esta escala representa uma medida breve de avaliação das atitudes dos sujeitos heterossexuais, face aos homossexuais de ambos os sexos. A versão original, utilizada neste estudo é constituída por dois conjuntos de 10 afirmações, um deles sobre homossexuais masculinos (subescala ATG) e outro sobre lésbicas (subescala ATL). Para cada afirmação, existe uma resposta sob a forma de escala de *Likert* de cinco pontos, onde um significa “Discordo fortemente” e cinco significa “Concordo fortemente”. A pontuação total consiste no somatório das pontuações de cada escala, variando entre 10 e 50, onde o valor mais alto representa um nível superior de homofobia cognitiva, relativa ao sexo específico da escala (Herek, 1984).

As subescalas desta medida apresentam boa consistência interna, com um *Alpha de Chronbach*, normalmente, na ordem dos 0.85, sendo os valores ainda mais consistentes, quando considerada a escala no seu total, que apresenta valores acima de 0.90 (Herek, 1988, 1994). Os resultados das subescalas apresentam correlações com

outros construtos relevantes para a homofobia cognitiva, como a religiosidade, a falta de contacto interpessoal com homossexuais, a aderência aos papéis de género tradicionais, a crença na noção tradicional de família e o estigma relativo aos indivíduos seropositivos (Herek, 1994, 2009; Herek & Capitanio, 1999). A validade discriminante da medida foi, também, analisada, situando num extremo das pontuações membros de organizações LGBT, imediatamente seguidos, por estudantes que apoiaram positivamente uma petição a favor dos direitos dos homossexuais, por oposição a membros da comunidade que não a apoiaram e se revelaram contra as respectivas medidas (Herek, 1988, 1994).

Na análise dos resultados os itens três e cinco, da subescala ATL, e os itens oito e 10 da subescala ATG, foram recodificados, por se encontrarem descritos de forma invertida.

RWA Scale – Short Version

O conceito de *Right-Wing Authoritarianism* foi desenvolvido por Bob Altemeyer, em 1981, como alternativa conceptual e metodológica à Escala F, desenvolvida em 1950 por Theodor Adorno (Zakrisson, 2005). Este novo constructo representava uma consistente dimensão das atitudes em sociedade, resultante da covariação de três aspetos do conceito original de autoritarismo: convencionalismo, agressão autoritária e submissão autoritária e seria mensurado por uma escala de 30 itens, construída pelo autor (Altemeyer, 1981). Desde então, a medida tem vindo a ser amplamente utilizada, sendo elaboradas diversas versões breves, tentando colmatar a sua extensão e aperfeiçoá-la ao nível psicométrico. A versão utilizada neste estudo pretendeu ser menos extensa que a original mas, também, demarcar a independência do constructo em questão, face ao constructo de Dominância Social.

Esta versão curta é constituída por 15 itens, com resposta sob a forma de uma escala de *Likert* de 7 pontos, variando entre “1- Muito negativo” e “7-Muito positivo”, atribuindo-se os pontos respetivos aquando da cotação. A análise dos resultados é feita de modo direto, isto é, um resultado mais elevado representa um nível mais elevado de autoritarismo. A seleção destes itens teve por critério a eliminação das menores contribuições para a fidelidade, aliada a valores elevados de correlação com uma medida de Dominância Social. Foi ainda alterado algum vocabulário da medida, entendido através do estudo como dúbio ou extremista (Zakrisson, 2005).

A versão utilizada apresenta uma consistência interna moderada, representada por um *Alpha de Cronbach* de 0.72. Foi, ainda, efetuada uma análise fatorial, testando um modelo de três fatores, correspondentes aos três aspetos do *Right-Wing Authoritarianism*: convencionalismo (5 itens), agressão autoritária (4 itens) e submissão autoritária (6 itens). Demonstrou-se um ajustamento considerável entre os dados e o modelo proposto ($\chi^2(86, N=176) = 96.52; P=0.19; GFI=0.93$) (Zakrisson, 2005).

Os itens dois, quatro, seis, oito, 10, 12 e 14 foram recodificados, por estarem descritos na medida de forma invertida.

Double Standard Scale

A escala utilizado tem por objetivo aferir a que nível os sujeitos aceitam o tradicional Duplo Padrão ao nível da sexualidade, isto é, de que modo atribuem diferenças entre as práticas sexuais normativas ou socialmente aceites para homens e mulheres. É composta por 10 itens, respondidos numa escala de *Likert* de cinco pontos, onde um significa “Concordo fortemente” e cinco significa “Discordo fortemente”. A pontuação da escala é obtida através do somatório das pontuações de todos os itens, tomando em consideração o fato de o item oito se apresentar de modo invertido, e varia

entre 10 e 50 pontos, representando um valor mais baixo uma maior aderência, ao Duplo Padrão tradicional (Caron, Davis, Halteman, & Stickle, 2010).

Numa amostra de 330 estudantes universitários, os autores aferiram um *Alpha de Chronbach* de 0.72 para esta medida. Ao nível da validade, os resultados da escala apresentaram, ainda, coerência com os comportamentos e perspetivas dos participantes face à contraceção, nomeadamente, ao uso de preservativo (Caron, Davis, Halteman, & Stickle, 1993).

Para possibilitar a melhor análise dos dados, todos os itens foram recodificados, sendo feita, assim, a análise de modo direto, em que valores superiores representam uma maior adesão ao duplo padrão tradicional. Apenas o item oito foi exceção, por já se encontrar descrito de forma invertida.

Levenson's Locus of Control Scale – Brief Version

A escala de Locus de Controlo desenvolvida por Julian Rotter, em 1966, obteve um suporte positivo da comunidade científica, no que concerne às suas qualidades psicométricas desde a sua criação. Porém, diversos estudos demonstraram a existência de problemas relativos à sua extensão, nomeadamente em estudos onde o locus de controlo não é a variável central e onde questões relacionadas com o tempo da administração das medidas têm primazia (Sapp & Harrod, 1993).

Em 1973, Hanna Levenson apresentou diversas alterações à escala de Rotter, abandonando a unidimensionalidade do constructo referida pelo mesmo. Mantendo o conceito de internalidade, distinguiu os sujeitos cuja orientação externa se deve à crença na sorte ou no destino, daqueles cuja a mesma orientação se deve à noção de submissão a alguém mais poderoso (“outros poderosos” ou “*powerful others*”, na versão original). A operacionalização deste construto multidimensional consistiu numa escala com três dimensões de oito itens (Presson, Clark, & Benassi, 1997). Desde então, têm vindo a ser

propostas diversas versões menos extensas da mesma. A escala usada no presente estudo é um desses casos, tendo a sua formulação o objetivo de, não só estabelecer-se positivamente face a outras versões breves, mas também, ser a mais ajustada possível em questões de multidimensionalidade (Sapp & Harrod, 1993).

A medida utilizada neste estudo é composta por nove itens, distribuídos equitativamente por três dimensões (controlo interno, sorte e “outros poderosos”), cuja resposta aparece sob a forma de uma escala de Likert de 7 pontos, onde um representa “Concordo fortemente” e sete representa “Discordo fortemente”. As pontuações mais baixas representam, na primeira dimensão, um Locus de Controlo mais interno. As pontuações mais baixas nas restantes dimensões representam um Locus de Controlo mais externo, de natureza atribucional relativa a cada dimensão em si (Sapp & Harrod, 1993). A dimensão “Controlo interno” é composta pelos itens um, três e seis, a dimensão “Sorte” é composta pelos itens dois, quatro e nove e a dimensão “Outros poderosos” é composta pelos itens cinco, sete e oito.

Tal medida, apresenta resultados de *Alpha de Chronbach* de 0.58, 0.65 e 0.72, para as dimensões interna, sorte e “outros poderosos” (respetivamente). Além disso, o modelo fatorial, apresentado na figura 1, fornece um ajustamento aceitável face aos dados obtidos na aplicação a 137 estudantes universitários, sendo todas as ligações entre fatores, incluindo o risco percecionado, estatisticamente significativas a um nível de confiança de $p < .01$. Deste modo, a escala fornece uma alternativa fiável e válida à versão completa, nos estudos em que o Locus de Controlo não assume uma posição central e em que a exequibilidade depende de questões temporais (Sapp & Harrod, 1993).

Os itens foram recodificados de modo a que a pontuações mais baixas corresponda um Locus de Controlo mais externo. Ainda de relevar que, pela natureza

dos dados em estudo, foi considerado o valor total da escala, sem particularização de dimensões.

Inventário de Papéis de Género

O Inventário de Papéis de Género (Barros, Natividade, & Hutz, 2013) foi elaborado tendo por objetivo aferir papéis de género, definidos como as características e/ou comportamentos, entendidos como apropriados para cada sexo (Holt & Ellis, 1998). Tendo por base a versão original do *Bem Sex-Role Inventory* (Bem, 1974), bem como a sua versão brasileira mais atual (Koller & Hutz, 1992), procedeu-se a construção de um instrumento breve, mas igualmente válido e fiável, na aferição de papéis de género. Assim, elaborou-se uma lista de 14 características que, após estudo, serviram para constituição de duas dimensões distintas: masculinidade e feminilidade (Barros, Natividade, & Hutz, 2013).

Para a dimensão masculinidade foram apuradas as seguintes características: líder, com poder, administrador, prático, autoconfiante, que gosta de correr riscos e livre. Já para a dimensão feminilidade apuraram-se as seguintes características: acolhedor, afetuoso, amável, compreensivo, emotivo, intuitivo e sensível.

Através do estudo de uma amostra de 510 sujeitos, os autores verificaram a existência de uma consistência interna adequada, relativa a um *Alpha de Chronbach* de 0.76 para a dimensão Feminilidade e de 0.70 para a dimensão masculinidade. A análise de componentes principais, efetuada com rotação *varimax*, demonstra que os dados se encontram adequados à análise ($KMO=0.78$), bem como, a matriz de correlação dos itens ($p < .001$), analisada através do *Teste de Esfericidade de Bartlett*. O valor baixo de correlação entre os dois fatores, masculinidade e feminilidade ($r^{(510)} = 0.13$) garantindo, assim, a necessária ortogonalidade entre ambos (Barros, Natividade, & Hutz, 2013).

Índice de Religiosidade da Universidade de Duke

O Índice de Religiosidade da Universidade de Duke, publicado, pela primeira vez, no *American Journal of Psychiatry*, em 1997 (Koenig, Parkerson, George, & Meador, 1997), é uma medida composta por cinco itens, apresentados sob forma de uma Escala de *Likert* de seis pontos (itens um e dois) e cinco pontos (itens três, quatro e cinco) (Koenig & Büssing, 2010).

Objetiva a quantificação do envolvimento religioso, no seu total, e tendo em conta as suas três componentes principais: religiosidade organizacional, religiosidade não organizacional e religiosidade subjetiva ou intrínseca. Com pontuações que variam entre os cinco e os 27 pontos, tem apresentado, em diversos estudos, uma boa consistência interna, com um *Alpha de Cronbach* entre 0.78 e 0.91. Além disso, tem, também, apresentado validade convergente com outras medidas estabelecidas para a avaliação da religiosidade ($r=0.86$) (Koenig & Büssing, 2010).

Após a análise das provas estatísticas a aplicar e da natureza do estudo, foi definida a utilização do índice de religiosidade total, sem particularização de dimensões, para a procura de correlações com as atitudes homofóbicas.

2.3. Procedimento

Para a recolha dos dados, foram utilizadas duas metodologias distintas, a presencial e a de inquérito *online*. Em ambas, cada participante, após esclarecimento, apresentado sob a forma de consentimento informado, aceite pelo mesmo, preencheu o protocolo de investigação (Anexo I), conforme indicações constantes do mesmo. Os protocolos foram preenchidos individualmente, durante aproximadamente 25 minutos, entre dois e 27 de Março de 2015.

Os dados obtidos foram, então, inseridos em Microsoft Excel®, criando-se uma base de dados, que, posteriormente, foi analisada estatisticamente em IBM Statistical Package for Social Sciences Versão 21 (SPSS 21 ®).

Parte III – Resultados

Os valores médios dos grupos masculino e feminino das variáveis empregues no nosso estudo foram comparados através do teste *t* de Student (ver Tabela 2). Os resultados mostram valores significativamente superiores no grupo masculino para a Masculinidade, $t(208) = 1.986$, $p = .048$ e para as Atitudes perante os Gays, $t(208) = 4.792$, $p < .001$, com níveis de efeito fraco e médio, respetivamente¹. Foi igualmente verificado um efeito tangencialmente significativo no Duplo Padrão Tradicional, $t(208) = 1.961$, $p = .051$, com o grupo masculino ($M = 20.60$, $DP = 6.02$) a obter valores superiores aos do sexo feminino ($M = 18.51$, $DP = 7.13$).

Nas restantes variáveis não se observaram diferenças significativas entre os participantes masculinos e femininos.

Tabela 2: Diferenças de médias nas variáveis em estudo, segundo o sexo

	Sexo				<i>t</i> (206)	<i>p</i>	Cohen <i>d</i>
	Masculino		Feminino				
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Masculinidade	34.40	6.22	32.26	7.20	1.986	.048	.28
Feminilidade	37.00	7.82	38.83	8.71	-1.386	.167	.19
DP_Tradicional	20.60	6.02	18.51	7.13	1.961	.051	.27
Autoritarismo							.20
		11.37	50.01	12.23	1.463	.145	
	52.74						
Atit_Lesbicas	9.95	4.15	8.76	4.05	1.869	.063	.26
Atit_Gays	12.12	5.67	8.75	4.01	4.792	.000	.67
Religiosidade	10.91	5.23	11.38	5.66	-.547	.572	.07
Locus	43.60	9.01	43.90	8.25	-.231	.817	.03

Seguidamente foi utilizado o coeficiente de correlação de *Pearson* para analisar as correlações entre as variáveis do nosso estudo.

Os resultados obtidos estão representados na Tabela 3. Podemos observar que as variáveis Masculinidade e Locus de Controlo apresentam uma associação moderada ($r = .301$), o que acontece igualmente entre a Masculinidade e a Feminilidade ($r = .389$).

¹ Foi utilizada a classificação proposta por Cohen (1988) para a magnitude do efeito, sendo considerados *pequenos* os efeitos acima de .20, *médios* a partir de .50 e *grandes* acima de .80.

As atitudes homofóbicas, quer perante os gays quer perante as lésbicas apresentaram correlações positivas e moderadas com o Duplo Padrão Tradicional e com o Autoritarismo, com valores que variaram entre $r = .417$ e $r = .566$. As atitudes homofóbicas e o Autoritarismo apresentaram correlações positivas, fracas a moderadas com a Religiosidade, com valores entre $r = .254$ e $r = .350$ e fracas e negativas com o Locus de Controlo, com valores de r compreendidos entre $-.188$ (Atitude perante Gays) e $-.246$ (Atitude perante Lésbicas). Todas as correlações referidas foram significativas para $p < .01$.

Tabela 3: Intercorrelações entre as variáveis deste estudo (N=208)

	Feminilidade	DP_Tradicional	Autoritarismo	Atit_Lesbicas	Atit_Gays	Religiosidade	Locus
Masculinidade	.389**	-.099	-.040	-.106	-.024	-.028	.301**
Feminilidade		-.117	.090	-.120	-.033	.083	.032
DP_Tradicional			.450**	.425**	.417**	.133	-.274**
Autoritarismo				.566**	.554**	.350**	-.197**
Atit_Lesbicas					.747**	.262**	-.246**
Atit_Gays						.254**	-.188**
Religiosidade							.042

Nota: * p < .05, ** p < .01

Em seguida foram calculadas as correlações entre as variáveis do nosso estudo e a idade, para os grupos masculino e feminino, em separado, estando os resultados representados na Tabela 4.

No grupo masculino, verificou-se que os participantes mais velhos apresentam valores superiores a nível do Autoritarismo ($r = .359, p < .01$), Atitudes perante os Gays ($r = .311, p < .05$), Atitudes perante as Lésbicas ($r = .274, p < .05$) e Religiosidade ($r = .293, p < .05$).

No grupo feminino, podemos constatar que a única associação estatisticamente significativa ocorreu com a Religiosidade ($r = .219, p < .01$), significando assim que os índices de religiosidade tendem a ser significativamente mais elevadas nas participantes mais velhas.

Tabela 4: Correlações entre a as variáveis do nosso estudo e a idade para os grupos masculino e feminino.

	Sexo	
	Masculino (n=57)	Feminino (n=151)
Masculinidade	.063	-.076
Feminilidade	.023	.075
DP_Tradicional	.234	-.049
Autoritarismo	.359**	.017
Atit_Lesbicas	.274*	.079
Atit_Gays	.311*	.123
Religiosidade	.293*	.219**
Locus	-.112	-.055

Nota: * $p < .05$, ** $p < .01$

Foram efetuadas duas análises hierárquicas de regressão, através do método *stepwise*, tomando como variável dependente as atitudes homofóbicas, sendo uma para as atitudes em relação aos gays e outra para as atitudes em relação às lésbicas. No primeiro bloco foram incluídas as variáveis de carácter sociodemográfico, nomeadamente o sexo e a idade e ainda a orientação sexual, e no segundo bloco as variáveis introduzidas foram a religiosidade, o duplo padrão sexual, o papel de género, o locus de controlo e o autoritarismo.

Para as atitudes perante os gays, os resultados da análise de regressão ($F(4,203) = 36.545, p < .001$) identificaram quatro preditores significativos, Idade, Sexo, Autoritarismo e o Duplo Padrão Tradicional, que no seu conjunto explicaram 41.9% da variância total (ver Tabela 5).

Tabela 5: Resultados da análise de regressão para as atitudes perante os gays

Variável	Modelo 1			Modelo 2			
	<i>B</i>	<i>EP B</i>	β	<i>B</i>	<i>EP B</i>	β	<i>r part</i>
Sexo	-3.069	.697	-.289***	-2.432	.580	-.229***	-.224
Idade	.106	.036	.193**	.073	.030	.133*	.130
Autoritarismo				.169	.024	.428***	.379
DP_Tradicional				.129	.042	.186**	.165
R ²		.137			.419		
F to R ²		16.262***			36.545***		

Nota: * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Podemos assim ver que atitudes mais negativas perante os gays estão significativamente associadas à Idade e ao Sexo, a nível das variáveis sociodemográficas, no sentido de serem mais evidentes nos indivíduos mais velhos e do sexo masculino, e também aos participantes que exibem maiores índices de Autoritarismo e de adesão ao Duplo Padrão Tradicional. Os valores das correlações semiparciais indicam que no seu conjunto as variáveis com maior peso preditivo são o Sexo e o Autoritarismo.

Quando tomamos como variável dependente as Atitudes perante as Lésbicas, a análise de regressão ($F(4,203) = 36.545, p < .001$) identifica igualmente quatro preditores significativos. Assim, à semelhança do que se verificava nas atitudes perante os gays, a Idade, o Autoritarismo e o Duplo Padrão Tradicional estão presentes como preditores significativos, mas agora, em vez do Sexo, aparece a Feminilidade. Estas quatro variáveis, no seu conjunto foram responsáveis por 38.4% da variância total (ver Tabela 6).

Tabela 6: Resultados da análise de regressão para as atitudes perante as lésbicas

Variável	Modelo 1			Modelo 2			
	<i>B</i>	<i>EP B</i>	β	<i>B</i>	<i>EP B</i>	β	<i>r part</i>
Idade	.076	.033	.161*	.043	.026	.091	.090
Autoritarismo				.165	.021	.483***	.422
DP_Tradicional				.111	.037	.186***	.163
Feminilidade				-.071	.027	-.146**	-.143
R ²	.021			.384			
F to R ²	5.479**			31.668***			

Nota: * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

As atitudes mais negativas perante as lésbicas estão significativamente associadas à Idade, sendo mais acentuadas nas participantes mais velhas, e igualmente nas que possuem níveis mais elevados de Autoritarismo, adesão ao Duplo Padrão Tradicional e menores índices de Feminilidade. Através da análise dos valores das correlações semiparciais podemos observar que a variável com maior peso preditivo é, de forma destacada, o Autoritarismo, seguido pelo Duplo Padrão Tradicional.

PARTE IV – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Confrontando os resultados obtidos com as hipóteses definidas, podemos explicar a confirmação da primeira hipótese em estudo "É esperado que os homens apresentem valores superiores de homofobia". Os indivíduos do sexo masculino da amostra estudada apresentaram valores superiores de homofobia, sobretudo perante os gays mas, também, perante as lésbicas, do que os elementos do sexo feminino da mesma amostra. Tais resultados apresentam consonância com os estudos na área, que foram sendo desenvolvidos nas últimas três décadas (Harbaugh & Lindsey, 2015; Kite & Whitley, 1996; Herek, 1988).

A segunda hipótese em estudo "É esperada uma associação significativa e positiva entre as atitudes homofóbicas e o autoritarismo", foi também confirmada, através dos dados obtidos, encontrando-se valores superiores de autoritarismo significativamente associados a uma maior frequência de atitudes homofóbicas, perante gays e lésbicas. Tal confirmação vai no mesmo sentido dos estudos elaborados sobre a questão (Goodman, 2005), e da noção de autoritarismo (RWA), enquanto caracterizado por agressividade contra as minorias e aderência às convenções maioritárias da sociedade, no caso a heterossexualidade (Altemeyer, 1981;1988).

Ao nível do duplo padrão sexual tradicional, podemos referir a confirmação da terceira hipótese em estudo "É esperada uma associação significativa e positiva entre as atitudes homofóbicas e a adesão ao duplo padrão tradicional", tanto em relação ao gays, como em relação às lésbicas. Tal resultado, apresenta a mesma direção de outros anteriormente obtidos, reforçando que esta forma de sexismo latente assenta nos mesmos mecanismos stressores que a homofobia, sendo, tendencialmente, perpetrada pelos mesmos indivíduos (Meyer, Ouellette, Haile, & McFarlane, 2011). De relevar, ainda, a coincidência dos dados obtidos com a noção de condicionamento de todas as expressões da sexualidade humana, por padrões de desigualdade, vigentes na maioria das sociedades (Lips, 2003; Crawford & Unger, 2000).

Foi, ainda, confirmada a quarta hipótese em estudo "É esperada uma associação significativa e positiva entre as atitudes homofóbicas e a religiosidade", verificando-se uma correlação estatisticamente significativa entre uma maior frequência de atitudes homofóbicas, perante gays e lésbicas, e níveis superiores de religiosidade. Tais resultados, apresentam coerência com estudos anteriores (Aosved & Long, 2006; Hodge, 2005; Rowatt, et al., 2006) e são, possivelmente, justificados pela existência de uma série de tradições religiosas e políticas que reforçam uma noção anti homossexual (Fyfe, 1983; Weinberg, 1972).

No estudo do Locus de Controlo, verificou-se a confirmação da hipótese "É esperada uma associação significativa entre as atitudes homofóbicas e o locus de controlo mais externo", em consonância com estudos anteriores, que relacionam as atitudes homofóbicas com fatores como a crença no destino, na sorte e a desvalorização do próprio esforço (Ugurlu, 2013).

Tal, como no sexo masculino, também os participantes mais velhos tendem a apresentar níveis superiores de homofobia, confirmando-se a sexta hipótese em estudo "É esperado um valor superior de homofobia nos participantes mais velhos, sobretudo para o sexo masculino, tal como estudado anteriormente (Harbaugh & Lindsey, 2015; Kite & Whitley, 1996; Herek, 1988).

PARTE V – CONCLUSÃO

O presente estudo teve como principal objetivo determinar a influência dos fatores sexo, idade, locus de controlo, autoritarismo, adesão ao duplo padrão tradicional e religiosidade nas atitudes homofóbicas.

Neste sentido podemos concluir que existem associações significativas entre níveis mais elevados de autoritarismo, adesão ao duplo padrão tradicional, religiosidade e locus de controlo, e níveis superiores de homofobia, tanto perante gays, quanto perante lésbicas.

Podemos, ainda, concluir que idade e sexo são importantes fatores no estudo desta questão, sendo os homens mais velhos o grupo de indivíduos que, tendencialmente, apresenta níveis mais elevados de homofobia.

A questão da inclusão de sujeitos de diversas orientações sexuais na amostra em estudo pode ser considerada uma limitação, podendo ser considerada a importância do estudo distinto das atitudes negativas face aos homossexuais, perpetradas por heterossexuais e das questões relativas aos fatores associados com a homofobia internalizada. No futuro, parece-nos fundamental que essa distinção seja efetuada.

Outra limitação que pode ser referida, é a permeabilidade cultural de algumas das medidas utilizadas que, apesar de ser quase inevitável no tipo de construtos que avaliam, pode influenciar os dados obtidos.

Parece relevante que, em estudos futuros, se considerem estes fatores em amostras mais amplas e em populações mais jovens, para que se possam elaborar programas educacionais, que intervenham na real resolução do problema prático, e de acentuada relevância na vida dos sujeitos, que configuram as atitudes homofóbicas.

Bibliografia

Aguero, J., Bloch, L., & Byrne, D. (1984). The Relationships Among Sexual Beliefs, Attitudes, Experience, and Homophobia. *Journal Of Homosexuality*, 10(1-2), 95-107. http://dx.doi.org/10.1300/j082v10n01_07.

Ahmad, S., & Bhugra, D. (2010). Homophobia: an updated review of the literature. *Sexual And Relationship Therapy*, 25(4), 447-455. <http://dx.doi.org/10.1080/14681994.2010.515206>.

Altemeyer, B. (1981). *Right-wing authoritarianism*. Winnipeg: University of Manitoba Press.

Altemeyer, B. (1988). *Enemies of freedom: Understanding right-wing authoritarianism*. San Francisco: Jossey-Bass.

Anderson, E. (2002). Openly Gay Athletes: Contesting Hegemonic Masculinity in a Homophobic Environment. *Gender & Society*, 16(6), 860-877. <http://dx.doi.org/10.1177/089124302237892>.

Anderson, E. (2007). "Being Masculine is not About who you Sleep with..." Heterosexual Athletes Contesting Masculinity and the One-time Rule of Homosexuality. *Sex Roles*, 58(1-2), 104-115. <http://dx.doi.org/10.1007/s11199-007-9337-7>.

Aosved, A., & Long, P. (2006). Co-occurrence of Rape Myth Acceptance, Sexism, Racism, Homophobia, Ageism, Classism, and Religious Intolerance. *Sex Roles*, 55(7-8), 481-492. <http://dx.doi.org/10.1007/s11199-006-9101-4>.

Bahadir, Z., Certel, Z., & Turan, B. (2014). The correlation between critical thinking disposition and internal-external locus of control of candidate students who participated in special talent examination in school of physical education and sports ege university. *Science, Movement and Health*, 25(2), 216-221.

Barrón-Velázquez, E., Salín-Pascual, J., & Guadarrama-López, L. (2014). Encuesta para evaluar el conocimiento sobre las condiciones de diversidad sexo-genérica y homofobia en una muestra de alumnos universitarios. *Revista Mexicana de Neurociencia*, 15(5), 267-276.

Barros, M., Natividade, J., & Hutz, C. (2013). Construção e validação de uma medida de papéis de gênero. *Avaliação Psicológica, 12*, 317-324.

Basow, S., & Johnson, K. (2000). Predictors of homophobia in female college students. *Sex Roles, 42*, 391-403. <http://dx.doi.org/10.1023/A:1007098221316>.

Bem, S. (1974). The measurement of psychological androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 42*, 155-162.

Biswas, S. (2014). Religiosity and the Sexual Double Standard. *International Journal of Social Science and Humanities Research, 2*(2), 72-77.

Borrillo, D. (2010). *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Butler, J. (1990). *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. Londres: Routledge.

Campo-Arias, A., Herazo, E., & Oviedo, H. (2013). Sustantivos para definir homofobia. *Revista Ciencias de la Salud, 11*(3), 287-294.

Campo-Arias, A., Oviedo, H., & Herazo, E. (2014). Correlación entre homofobia y racismo en estudiantes de medicina. *Psicología desde el Caribe, 31*, 25-37.

Caron, S., Davis, C., Halteman, W., & Stickle, M. (1993). Predictors of condom-related behaviors among first-year college students. *Journal Of Sex Research, 30*(3), 252-259. <http://dx.doi.org/10.1080/00224499309551709>.

Caron, S., Halteman, C., & Stickle, M. (2010). Double Standard Scale. In T. Fisher, C. Yarber & W. Davis, *Handbook of Sexuality-Related Measures* (3rd ed., pp. 182-183). Londres: Routledge.

Cheng, C., Cheung, S., Chio, J., & Chan, M. (2013). Cultural meaning of perceived control: A meta-analysis of locus of control and psychological symptoms across 18 cultural regions. *Psychological Bulletin, 139*(1), 152-188. <http://dx.doi.org/10.1037/a0028596>.

Ciocca, G., Tuziak, B., Limoncin, E., Mollaioli, D., Capuano, N., & Martini, A. et al. (2015). Psychoticism, Immature Defense Mechanisms and a Fearful Attachment Style

are Associated with a Higher Homophobic Attitude. *The Journal Of Sexual Medicine*, 12(9), 1953-1960. <http://dx.doi.org/10.1111/jsm.12975>.

Coutinho, C. (2013). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática (2ª edição)*. Coimbra: Almedina.

Cramer, R., Miller, A., Amacker, A., & Burks, A. (2013). Openness, right-wing authoritarianism, and antigay prejudice in college students: A mediational model. *Journal Of Counseling Psychology*, 60(1), 64-71. <http://dx.doi.org/10.1037/a0031090>.

Crawford, M., & Unger, R. (2000). *Women and gender: A feminist psychology (3rd edition)*. Nova Iorque: McGraw-Hill.

Davies, M. (2004). Correlates of negative attitudes toward gay men: Sexism, male role norms, and male sexuality. *The Journal Of Sex Research*, 41(3), 259-266. <http://dx.doi.org/10.1080/00224490409552233>.

Doyle, C., Rees, A., & Titus, T. (2015). Perceptions of Same-Sex Relationships and Marriage as Gender Role Violations: An Examination of Gendered Expectations (Sexism). *Journal Of Homosexuality*, 62(11), 1576-1598. <http://dx.doi.org/10.1080/00918369.2015.1073038>.

Ehrmann, W. (1959). *Premarital dating behavior*. Nova Iorque: Henry Holt.

Falomir-Pichastor, J., Martínez, C., & Paterna, C. (2010). Gender-Role's Attitude, Perceived Similarity, and Sexual Prejudice against Gay Men. *Span. J. Psychol.*, 13(02), 841-848. <http://dx.doi.org/10.1017/s1138741600002493>.

Faria, M. (2010). *Homofobia: Medo de quê, medo de quem? Análise dos componentes das atitudes homofóbicas* (Doutoramento no Ramo de Psicologia Especialidade de Psicologia Social). Universidade Aberta.

Finlay, B., & Walther, C. (2003). The Relation of Religious Affiliation, Service Attendance, and Other Factors to Homophobic Attitudes among University Students. *Review Of Religious Research*, 44(4), 370. <http://dx.doi.org/10.2307/3512216>.

Fone, B. (2008). *Homofobia. Una historia*. México: Océano.

Fyfe, B. (1983). "Homophobia" or homosexual bias reconsidered. *Arch Sex Behav*, 12(6), 549-554. <http://dx.doi.org/10.1007/bf01542216>.

García, A. (2004). *Terminología y procesamiento*. México: UNAM.

Golom, F., & Mohr, J. (2011). Turn It Off! The Effects of Exposure to Male–Male Erotic Imagery on Heterosexuals' Attitudes toward Gay Men. *Journal Of Sex Research*, 48(6), 580-589. <http://dx.doi.org/10.1080/00224499.2010.543959>.

Gomes, I., & Serôdio, R. (2014). A homofobia perspetivada à luz da abordagem da identidade social: Níveis de autodefinição identitária e atitude em relação a pessoas homossexuais. *Análise Psicológica*, 2 , 215-230. [http:// dx.doi.org/ 10.14417/ap.803](http://dx.doi.org/10.14417/ap.803).

Gomes, N., Farina, M., & Dal Forno, C. (2014). Espiritualidade, Religiosidade e Religião: Reflexão de Conceitos em Artigos Psicológicos. *Revista de Psicologia da IMED*, 6(2), 107-112.

Gonçalves, M., & Machado, C. (2007). "Homophobia": A Dialogical-Semiotic Approach. *Integrative Psychological And Behavioral Science*, 41(3-4), 262-271. <http://dx.doi.org/10.1007/s12124-007-9034-7>.

Goodman, M. (2005). *Mediating role of openness in the links of Right-Wing Authoritarianism, Social Dominance Orientation, and traditional gender roles attitudes to anti-lesbian and anti-gay attitudes and behaviors*. Gainesville: University of Florida.

Harbaugh, E., & Lindsey, E. (2015). Attitudes Toward Homosexuality Among Young Adults: Connections to Gender Role Identity, Gender-Typed Activities, and Religiosity. *Journal Of Homosexuality*, 62(8), 1098-1125. <http://dx.doi.org/10.1080/00918369.2015.1021635>.

Herek, G. (1984). Attitudes Toward Lesbians and Gay Men.: *Journal Of Homosexuality*, 10(1-2), 39-51. http://dx.doi.org/10.1300/j082v10n01_03.

Herek, G. (1984). Beyond "Homophobia": *Journal Of Homosexuality*, 10(1-2), 1-21. http://dx.doi.org/10.1300/j082v10n01_01.

Herek, G. (1988). Heterosexuals' attitudes toward lesbians and gay men: Correlates and gender differences. *Journal Of Sex Research*, 25(4), 451-477. <http://dx.doi.org/10.1080/00224498809551476>.

Herek, G. (2000). The Psychology of Sexual Prejudice. *Current Directions In Psychological Science*, 9(1), 19-22. <http://dx.doi.org/10.1111/1467-8721.00051>.

Herek, G. (2004). Beyond “Homophobia”: Thinking about sexual prejudice and stigma in the twenty-first century. *Sex Res Soc Policy*, 1(2), 6-24. <http://dx.doi.org/10.1525/srsp.2004.1.2.6>.

Herek, G. (2009). Sexual stigma and sexual prejudice in the United States: A conceptual framework. *Contemporary perspectives on lesbian, gay & bisexual identities: The 54th Nebraska Symposium on Motivation*. 65-111. Nova Iorque: Springer.

Herek, G. (2015). Beyond “Homophobia”: Thinking more clearly about stigma, prejudice, and sexual orientation. *American Journal Of Orthopsychiatry*, 85(5, Suppl), S29-S37. <http://dx.doi.org/10.1037/ort0000092>.

Herek, G., Cogan, J., & Gillis, J. (2002). Victim Experiences in Hate Crimes Based on Sexual Orientation. *Journal Of Social Issues*, 58(2), 319-339. <http://dx.doi.org/10.1111/1540-4560.00263>.

Hershberger, S., & D'Augelli, A. (1995). The impact of victimization on the mental health and suicidality of lesbian, gay, and bisexual youths. *Developmental Psychology*, 31(1), 65-74. <http://dx.doi.org/10.1037//0012-1649.31.1.65>.

Hill, P., & Pargament, K. (2003). Advances in the conceptualization and measurement of religion and spirituality: Implications for physical and mental health research. *American Psychologist*, 58(1), 64-74. <http://dx.doi.org/10.1037/0003-066x.58.1.64>.

Hillier, L., & Harrison, L. (2004). Homophobia and the production of shame: young people and same sex attraction. *Culture, Health & Sexuality*, 6(1), 79-94. <http://dx.doi.org/10.1080/13691050310001611156>.

Hodge, D. (2005). Epistemological Frameworks, Homosexuality, and Religion: How People of Faith Understand the Intersection between Homosexuality and Religion. *Social Work*, 50(3), 207-218. <http://dx.doi.org/10.1093/sw/50.3.207>.

Holt, C., & Ellis, J. (1998). Assessing the current validity of Bem Sex-Role Inventory. *Sex Roles*, 39, 929-941.

Inozu, M., Yorulmaz, O., & Terzi, S. (2012). Locus of Control in Obsessive-Compulsive (OC) and Depression Symptoms: The Moderating Effect of Externality on Obsessive-Related Control Beliefs in OC Symptoms. *Behav. Change*, 29(03), 148-163. <http://dx.doi.org/10.1017/bec.2012.14>.

Itaborahy, L., & Zhu, J. (2014). *State-sponsored homophobia: A world survey of laws: Criminalisation, protection and recognition of same-sex love*. Riga: ILGA - International Lesbian Gay Bisexual Trans and Intersex Association.

Jellison, W., McConnell, A., & Gabriel, S. (2004). Implicit and Explicit Measures of Sexual Orientation Attitudes: In Group Preferences and Related Behaviors and Beliefs among Gay and Straight Men. *Personality And Social Psychology Bulletin*, 30(5), 629-642. <http://dx.doi.org/10.1177/0146167203262076>.

Johnson, M., Rowatt, W., & LaBouff, J. (2012). Religiosity and prejudice revisited: In-group favoritism, out-group derogation, or both?. *Psychology Of Religion And Spirituality*, 4(2), 154-168. <http://dx.doi.org/10.1037/a0025107>.

Jost, J. (2006). The end of the end of ideology. *American Psychologist*, 61, 651-670.

Katz, J., & Farrow, S. (2000). Discrepant self views and young women's sexual and emotional adjustment. *Sex Roles*, 42, 781-796.

Keiller, S. (2010). Masculine norms as correlates of heterosexual men's attitudes toward gay men and lesbian women. *Psychology Of Men & Masculinity*, 11(1), 38-52. <http://dx.doi.org/10.1037/a0017540>.

Kerns, J., & Fine, M. (1994). The relation between gender and negative attitudes toward gay men and lesbians: Do gender role attitudes mediate this relation? *Sex Roles*, 31, 297-307.

Kite, M., & Whitley, B. (1996). Sex Differences in Attitudes Toward Homosexual Persons, Behaviors, and Civil Rights A Meta-Analysis. *Personality And Social Psychology Bulletin*, 22(4), 336-353. <http://dx.doi.org/10.1177/0146167296224002>.

Koenig, H., & Büssing, A. (2010). The Duke University Religion Index (DUREL): A Five-Item Measure for Use in Epidemiological Studies. *Religions*, 1(1), 78-85. <http://dx.doi.org/10.3390/rel1010078>.

Koenig, H., Parkerson, J., George, R., & Meador, K. (1997). Religion index for psychiatric research. *The American Journal of Psychiatry*, *154*(6), 885-886.

Koller, S., & Hutz, C. (1992). A mensuração de gênero: uma readaptação do BSRI. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *5*, 15-21.

Landor, A., Simons, L., Simons, R., Brody, G., & Gibbons, F. (2010). The Role of Religiosity in the Relationship Between Parents, Peers, and Adolescent Risky Sexual Behavior. *J Youth Adolescence*, *40*(3), 296-309. <http://dx.doi.org/10.1007/s10964-010-9598-2>.

Lips, H. (2003). *A new psychology of women: Gender, culture, and ethnicity* (2nd ed.). Nova Iorque: McGraw-Hill.

Marks, L. (1998). Deconstructing Locus of Control: Implications for Practitioners. *Journal Of Counseling & Development*, *76*(3), 251-260. <http://dx.doi.org/10.1002/j.1556-6676.1998.tb02540.x>.

McDermott, R., Schwartz, J., Lindley, L., & Proietti, J. (2014). Exploring men's homophobia: Associations with religious fundamentalism and gender role conflict domains. *Psychology Of Men & Masculinity*, *15*(2), 191-200. <http://dx.doi.org/10.1037/a0032788>.

Meyer, I., Ouellette, S., Haile, R., & McFarlane, T. (2011). "We'd Be Free": Narratives of Life Without Homophobia, Racism, or Sexism. *Sex Res Soc Policy*, *8*(3), 204-214. <http://dx.doi.org/10.1007/s13178-011-0063-0>.

Moleiro, C., & Pinto, N. (2015). Sexual orientation and gender identity: review of concepts, controversies and their relation to psychopathology classification systems. *Frontiers In Psychology*, *6*. <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01511>.

Morrison, M., & Morrison, T. (2003). Development and Validation of a Scale Measuring Modern Prejudice Toward Gay Men and Lesbian Women. *Journal Of Homosexuality*, *43*(2), 15-37. http://dx.doi.org/10.1300/j082v43n02_02.

Morrison, T., Kenny, P., & Harrington, A. (2005). Modern Prejudice Toward Gay Men and Lesbian Women: Assessing the Viability of a Measure of Modern Homonegative

Attitudes Within an Irish Context. *Genetic, Social, And General Psychology Monographs*, 131(3), 219-250. <http://dx.doi.org/10.3200/mono.131.3.219-250>.

Parrott, D. (2009). Aggression toward gay men as gender role enforcement: Effects of male role norms, sexual prejudice, and masculine gender role stress. *Journal of Personality*, 77, 1137-1166.

Parrott, D., & Gallagher, K. (2008). What Accounts for Heterosexual Women's Negative Emotional Responses to Lesbians?: Examination of Traditional Gender Role Beliefs and Sexual Prejudice. *Sex Roles*, 59(3-4), 229-239. <http://dx.doi.org/10.1007/s11199-008-9436-0>.

Peterson, B., & Zurbriggen, E. (2010). Gender, sexuality, and the authoritarian personality. *Journal of Personality*, 78(6), 1801-1826.

Philippines Psychological Association (2011). Statement of the Psychological Association of the Philippines on non-discrimination based on sexual orientation, gender identity and expression. *Philippine Journal of Psychology*, 44, pp. 229-230.

Presson, P., Clark, S., & Benassi, V. (1997). The Levenson Locus of Control Scales: Confirmatory factor analyses and evaluation. *Social Behavior and Personality*, 25, 93-104.

Roderick, T., McCammon, S., Long, T., & Allred, L. (1998). Behavioral Aspects of Homonegativity. *Journal Of Homosexuality*, 36(1), 79-88. http://dx.doi.org/10.1300/j082v36n01_05.

Rotter, J. (1954). *Social learning and clinical psychology*. Nova Iorque: Prentice-Hall.

Rotter, J. (1966). Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. *Psychological Monographs: General And Applied*, 80(1), 1-28. <http://dx.doi.org/10.1037/h0092976>.

Rowatt, W., Tsang, J., Kelly, J., LaMartina, B., McCullers, M., & McKinley, A. (2006). Associations between religious personality dimensions and implicit homosexual prejudice. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 45, 397-406. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1468-5906.2006.00314.x>.

Rowniak, S. (2015). Factors Related to Homophobia Among Nursing Students. *Journal Of Homosexuality*, 62(9), 1228-1240. <http://dx.doi.org/10.1080/00918369.2015.1037135>.

Rye, B., & Meaney, G. (2010). Measuring homonegativity: A psychometric analysis. *Canadian Journal Of Behavioural Science/Revue Canadienne Des Sciences Du Comportement*, 42(3), 158-167. <http://dx.doi.org/10.1037/a0018237>.

Sakalli, N. (2002). The Relationship Between Sexism and Attitudes Toward Homosexuality in a Sample of Turkish College Students. *Journal Of Homosexuality*, 42(3), 53-64. http://dx.doi.org/10.1300/j082v42n03_04.

Sapp, S., & Harrod, W. (1993). Reliability and validity of a brief version of Levenson's Locus of Control Scale. *Psychological Reports*, 72 , 539-550.

Sharma, R., & Sharma, N. (2015). Opening the gender diversity black box: causality of perceived gender equity and locus of control and mediation of work engagement in employee well-being. *Frontiers In Psychology*, 6. <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01371>.

Smith, K. (1971). Homophobia: A tentative personality profile. *Psychology Reports*, 29(3), 1091-1094.

Stephan, W., & Stephan, C. (2000). In S. Oskamp, *Reducing prejudice and discrimination* (1st ed., pp. 23-45). Londres: Erlbaum.

Stoppa, A., & Moreira-Almeida, A. (2008). Religiosidade e Saúde. In M. Salgado, & G. Freire, *Saúde e Espiritualidade: uma nova visão da medicina*. Belo Horizonte: Inede.

Szymanski, D. (2005). Heterosexism and Sexism as Correlates of Psychological Distress in Lesbians. *Journal Of Counseling & Development*, 83(3), 355-360. <http://dx.doi.org/10.1002/j.1556-6678.2005.tb00355.x>.

Theodore, P., & Basow, S. (2000). Heterosexual Masculinity and Homophobia. *Journal Of Homosexuality*, 40(2), 31-48. http://dx.doi.org/10.1300/j082v40n02_03.

Ugurlu, O. (2013). Prejudice against Homosexuality and Locus of Control. *Çankaya University Journal of Humanities and Social Sciences*, 10(1), 1-12.

- Veenvliet, S. (2008). Intrinsic Religious Orientation and Religious Teaching: Differential Judgments Toward Same-Gender Sexual Behavior and Gay Men and Lesbians. *International Journal For The Psychology Of Religion*, 18(1), 53-65. <http://dx.doi.org/10.1080/10508610701719348>.
- Warriner, K., Nagoshi, C., & Nagoshi, J. (2013). Correlates of Homophobia, Transphobia, and Internalized Homophobia in Gay or Lesbian and Heterosexual Samples. *Journal Of Homosexuality*, 60(9), 1297-1314. <http://dx.doi.org/10.1080/00918369.2013.806177>.
- Weinberg, G. (1972). *Society and the healthy homosexual*. Nova Iorque: St. Martin's Press.
- Weisgram, E., Dinella, L., & Fulcher, M. (2011). The Role of Masculinity/Femininity, Values, and Occupational Value Affordances in Shaping Young Men's and Women's Occupational Choices. *Sex Roles*, 65(3-4), 243-258. <http://dx.doi.org/10.1007/s11199-011-9998-0>.
- Whitley, B. (2001). Gender-role variables and attitudes toward homosexuality. *Sex Roles*, 45, 691-721.
- Whitley, B. (2009). Religiosity and attitudes toward lesbians and gay men: A meta-analysis. *International Journal for the Psychology of Religion*, 19, 21-38.
- Wienclaw, R. (2011). Gender Differences: Biology & Culture. In T. e. Press, *Gender Roles & Equality* (pp. 15-24). Ipswich.: Salem Press.
- Wyrod, R. (2011). Masculinity and the persistence of AIDS stigma. *Culture, Health & Sexuality*, 13(4), 443-456. <http://dx.doi.org/10.1080/13691058.2010.542565>.
- Yep, G. (2002). From Homophobia and Heterosexism to Heteronormativity. *Journal Of Lesbian Studies*, 6(3-4), 163-176. http://dx.doi.org/10.1300/j155v06n03_14.
- Zakrisson, I. (2005). Construction of a short version of the Right-Wing Authoritarianism (RWA) scale. *Personality And Individual Differences*, 39(5), 863-872. <http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2005.02.026>.
- Zhang, W., Liu, H., Jiang, X., Wu, D., & Tian, Y. (2014). A Longitudinal Study of Posttraumatic Stress Disorder Symptoms and Its Relationship with Coping Skill and

Locus of Control in Adolescents after an Earthquake in China. *Plos ONE*, 9(2), e88263.
<http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0088263>.

Zick, A., Küpper, B., & Hövermann, A. (2011). *Intolerance, Prejudice and Discrimination: An European Report*. Alemanha: Forum Berlin.

Anexo I: Protocolo de Investigação

Vimos solicitar a sua colaboração num estudo enquadrado na realização de uma dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde relacionado com as crenças dos indivíduos face à sexualidade. Todos os dados recolhidos serão utilizados apenas para estudo estatístico, sendo sempre garantida a confidencialidade e anonimato de toda e qualquer informação que fornecer. A liberdade de participação é total, podendo desistir a qualquer momento, se desejar. Qualquer dúvida ou questão que lhe surja no preenchimento do protocolo deve ser colocada para o e-mail carlapatriciags@gmail.com. Desde já agradecemos a sua disponibilidade e colaboração!

Sexo: Masculino Feminino

Idade: _____

Estado Civil: Solteiro(a) Casado(a)/Numa União de Fato Divorciado(a)
Viúvo(a)

Relativamente à sua orientação sexual, considera-se (assinale com uma X):	
0 – Exclusivamente heterossexual	
1 – Predominantemente heterossexual, raramente homossexual	
2 – Predominantemente heterossexual, ocasionalmente homossexual	
3 – Iguamente heterossexual e homossexual	
4 – Predominantemente homossexual, ocasionalmente heterossexual	
5 – Predominantemente homossexual, raramente heterossexual	
6 – Exclusivamente homossexual	

Com que frequência você vai a uma igreja, templo ou outro encontro religioso?

1. Mais do que uma vez por semana
2. Uma vez por semana
3. Duas a três vezes por mês
4. Algumas vezes por ano
5. Uma vez por ano ou menos
6. Nunca

Com que frequência você dedica o seu tempo a atividades religiosas individuais, como preces, rezas, meditações, leitura da bíblia ou de outros textos religiosos?

1. Mais do que uma vez ao dia
2. Diariamente
3. Duas ou mais vezes por semana
4. Uma vez por semana
5. Poucas vezes por mês
6. Raramente ou nunca

Na minha vida eu sinto a presença de Deus (ou do Espírito Santo).

1. Totalmente verdade para mim
2. Em geral é verdade
3. Não estou certo
4. Em geral não é verdade
5. Não é verdade

As minhas crenças religiosas estão realmente por trás de toda a minha maneira de viver.

1. Totalmente verdade para mim
2. Em geral é verdade
3. Não estou certo
4. Em geral não é verdade
5. Não é verdade

Eu esforço-me muito para viver a minha religião em todos os aspetos da vida.

1. Totalmente verdade para mim
2. Em geral é verdade
3. Não estou certo
4. Em geral não é verdade
5. Não é verdade

L.L.C.S. Brief (Sapp & Harrod, 1993)

Abaixo encontra-se uma lista de afirmações. Por favor, utilize a escala fornecida para descrever o seu nível de concordância com cada uma delas.

1	2	3	4	5	6	7
Concordo			Não Concordo			Discordo
Fortemente			Nem Discordo			Fortemente

1	A minha vida é determinada pelas minhas próprias ações.	
2	Frequentemente, não existe hipótese de proteger os meus interesses pessoais de azares ou imprevistos.	
3	Sou, normalmente, capaz de proteger os meus próprios interesses.	
4	Quando consigo o que quero é, normalmente, porque sou sortudo.	
5	Pessoas como eu têm pouca hipótese de proteger os seus interesses pessoais, onde estes conflituem com os de grupos de pressão fortes.	
6	Consigo, praticamente, determinar o que virá a acontecer na minha vida.	
7	A minha vida é, sobretudo, controlada por outros poderosos.	
8	Eu sinto-me como se o que acontece na minha vida fosse determinado por pessoas poderosas.	
9	Em grande medida, a minha vida é controlada por acontecimentos acidentais.	

IPG (Barros, Natividade & Hutz, 2013)

Em baixo vai encontrar uma lista de características pessoais. Pedimos-lhe que indique até que ponto concorda (ou discorda) que cada característica o(a) descreve adequadamente, utilizando a escala seguinte.

1	2	3	4	5	6	7
Discordo Totalmente	Discordo Bastante	Discordo Um pouco	Não Concordo Nem Discordo	Concordo Um pouco	Concordo Bastante	Concordo Totalmente

Acolhedor(a)		Livre	
Administrador(a)		Emotivo(a)	
Afetoso(a)		Líder	
Com poder		Intuitivo(a)	
Amável		Prático(a)	
Autoconfiante		Sensível	
Compreensivo(a)		Que gosta de correr riscos	

D. S. S. (Caron, Davis, Halteman, & Stickle, 1993)

Abaixo encontra-se uma lista de afirmações. Por favor, utilize a escala fornecida para descrever o seu nível de concordância com cada uma delas.

1	2	3	4	5
Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo Nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

1	É esperado que uma mulher seja menos experiente sexualmente do que o seu parceiro.	
2	Uma mulher que seja sexualmente ativa tem menos probabilidade de ser considerada uma parceira desejável.	
3	Uma mulher nunca se deveria demonstrar-se preparada para um encontro sexual.	
4	É importante que o homem seja sexualmente experiente para poder ensinar a mulher.	
5	Uma mulher de respeito nunca teria uma aventura de uma noite, mas isso é esperado de um homem.	
6	É importante para um homem ter múltiplas experiências sexuais para ganhar conhecimento.	
7	No sexo, o homem deve assumir o papel dominante e a mulher o papel passivo.	
8	É aceitável para uma mulher andar com preservativos.	
9	É pior para uma mulher ter vários parceiros sexuais do que para um homem.	
10	Cabe ao homem iniciar a relação sexual.	

RWA Short (Zakrisson, 2005)

Abaixo encontra um conjunto de afirmações. Por favor, classifique-as segundo a tabela fornecida.

1	2	3	4	5	6	7
Muito Negativo						Muito Positivo

1	O nosso país precisa de um líder poderoso, para destruir as correntes radicais e imorais que prevalecem hoje em dia.	
2	O nosso país precisa de pensadores livres, que terão a coragem de marcar posição contra as maneiras tradicionais, mesmo que isso incomode muita gente.	
3	As “maneiras de antigamente” e os “valores de antigamente” ainda demonstram a melhor forma de viver.	
4	A nossa sociedade seria melhor se demonstrasse-mos tolerância e compreensão pelos valores e opiniões não tradicionais.	
5	As leis de Deus sobre o aborto, a pornografia e o casamento devem ser rigorosamente seguidas antes que seja tarde, as violações das mesmas devem ser punidas.	
6	A sociedade precisa mais de mostrar abertura face às pessoas que pensam de forma diferente, do que de um líder forte, o mundo não é particularmente mau ou perigoso.	
7	Seria melhor se os jornais fossem censurados, de modo a que as pessoas não fossem capazes de se apoderar de material destrutivo e repugnante.	
8	Muitas boas pessoas desafiam o estado, criticam a igreja e ignoram “a forma normal de viver”.	
9	Os nossos antepassados devem ser mais honrados pela forma como construíram a nossa sociedade, ao mesmo tempo que devemos por um fim às forças que a estão a destruir.	
10	As pessoas devem dar menos atenção à Bíblia e à religião, em vez disso devem desenvolver os seus próprios padrões morais.	
11	Existem muitas pessoas imorais e radicais a tentar arruinar as coisas; a sociedade deve pará-los.	
12	É melhor aceitar a má literatura que censurá-la.	
13	Os factos demonstram que temos de ser mais duros contra o crime e a imoralidade sexual, de modo a preservar a lei e a ordem.	
14	A situação da sociedade de hoje em dia melhoraria se os indivíduos problemáticos fossem tratados com racionalidade e humanidade.	
15	Se a sociedade assim o quiser, é o dever de todos os verdadeiros cidadãos ajudar a eliminar o mal que envenena o nosso país, vindo do interior.	

A.T.L.G. Herek (1984)

Por favor indique até que ponto concorda ou não com as afirmações abaixo, utilizando a seguinte escala:

1	2	3	4	5
Discordo Fortemente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Fortemente

1	Acho que as lésbicas são nojentas.	
2	A homossexualidade feminina é uma perversão.	
3	A homossexualidade feminina é uma expressão natural da sexualidade feminina.	
4	O sexo entre duas mulheres é uma coisa errada.	
5	A homossexualidade feminina é apenas um estilo de vida diferente que não deveria ser condenado.	
6	Acho que os gays são nojentos.	
7	A homossexualidade masculina é uma perversão.	
8	A homossexualidade masculina é uma expressão natural da sexualidade masculina.	
9	O sexo entre dois homens é uma coisa errada.	
10	A homossexualidade masculina é apenas um estilo de vida diferente que não deveria ser condenado.	